



# O turismo e as vicissitudes do desenvolvimento: Uma análise preliminar acerca das expectativas dos proprietários de barracas de praia no litoral areia-branquense, RN

*Jean Henrique Costa\**

*Erika Barboza de Souza\*\**

## Resumo

Este trabalho analisa as expectativas dos proprietários de barracas de praia (vendedores fixos de alimentos e bebidas ao longo da orla) do município de Areia Branca/RN acerca do possível alargamento do turismo na cidade. O trabalho fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, documental, através da análise do Plano de Ação Turística (PAT) da cidade, e em pesquisa de campo censitária do tipo quantitativa, na qual se utilizou a estatística descritiva na análise dos dados. A pesquisa embasou-se na aplicação de 32 questionários com os proprietários das barracas do litoral areia-branquense (100% da população empreendedora), sendo abordadas questões relacionadas às expectativas acerca da implantação do turismo na cidade atualmente, associando os possíveis impactos positivos e negativos que essa atividade poderá desencadear na localidade, assim como a participação do poder público municipal nessa implantação. Não se trata de uma análise fenomenológica, nos moldes de uma fenomenologia da percepção. É, pois, um trabalho com base no materialismo histórico-dialético visando compreender as expectativas dos barraqueiros a partir de sua existência material.

**Palavras-chave:** Turismo; desenvolvimento local; Areia Branca/RN; barraqueiros.

## Abstract

The following study analyzes the expectations of beach stall owners in the city of Areia Branca/RN about the possibilities of tourism enhancement. The research is based on bibliographical and documental research through the analysis of the Tourism Action Plan (Plano de Ação Turística da cidade) (PAT). Also, a census and a quantitative research were carried out and used descriptive statistics to analyze the data. The study was based on 32 questionnaires answered by the stall owners (100% of the business people), which dealt with matters about the expectations on the implementation of tourism action, mentioning possible positive and negative impacts which may occur in the region, as well as the role of public policies (city government) on the implementation. It is not, by any means, a phenomenological analysis based on perception. Therefore, it is a work based on historical-dialectic materialism which aims at comprehending the demands from the stall owners from their very material existence.

**Key-words:** Tourism; local development; Areia Branca/RN; stall owners.



Laboratório de Tecnologia e  
Desenvolvimento Social



## Introdução

Diante do "entusiasmo" existente a respeito da implantação do turismo na realidade deprimida de muitos municípios, ao qual se atribui um importante fator de desenvolvimento regional, estadual e municipal, estão sendo criados programas cujo intuito basilar é alavancar essa atividade em busca de melhorias na qualidade de vida da população residente. Esses programas contemplam localidades consideradas "potencialmente" turísticas, por possuírem atrativos naturais e/ou culturais, e são concebidos pelos governos federal, estadual e municipal para financiar a construção de infra-estrutura turística e incentivar investimentos da iniciativa privada para implantação de equipamentos turísticos.

A cidade de Areia Branca, cenário de estudo deste trabalho, localizada na parte litorânea do estado do Rio Grande do Norte, a 327 km de sua capital (Natal), tem sido alvo de projetos<sup>1</sup> que visam transformá-la em cidade turística por possuir belezas naturais (praias, dunas e falésias) que poderão servir como atrativos para quem gosta de apreciar o turismo de sol e mar. Esses projetos objetivam atrair emprego e renda para a população autóctone e conseqüentemente melhoria na sua qualidade de vida. Mesmo diante da opulência verificada no território areia-branquense<sup>2</sup>, o município apresenta um quadro de distribuição de renda centrada numa minoria populacional, ocasionando assim uma desigualdade social bastante elevada, além de possuir uma infra-estrutura básica incapaz<sup>3</sup> de atender satisfatoriamente o turista e a população local. A oferta dos serviços destinados ao setor de alimentos e bebidas da cidade se concentra substancialmente em barracas localizadas ao longo do seu litoral, sendo estas consideradas partes importantes dos equipamentos turísticos futuros.

Tendo em vista o atual descompasso existente entre os quadros social e econômico do município, e a pretensão de tornar Areia Branca uma cidade turisticamente desenvolvida, surge o problema que norteou este trabalho: quais as expectativas que os potenciais empreendedores turísticos (os barraqueiros) da cidade possuem acerca do surgimento do turismo no espaço local?

O objetivo geral foi analisar as expectativas dos proprietários de barracas de praia (vendedores fixos de alimentos e bebidas ao longo da orla) do município de Areia Branca/RN acerca do possível alargamento do turismo na cidade, visando uma compreensão de suas avaliações acerca desse desenvolvimento diante da realidade em que o município se encontra. Especificamente objetivou-se: a) Estudar o referencial teórico acerca dos impactos positivos e negativos que a atividade turística desenvolve numa localidade; b) Compreender a atual dimensão/estruturação da atividade turística no município de Areia Branca/RN, objetivando entender seus processos de desenvolvimento e sua repercussão social; c) Colher dados empíricos com os atores sociais pertinentes (proprietários das barracas de praia), através de pesquisa quantitativa, visando obter informações sobre as avaliações do residente areia-branquense acerca do surgimento da atividade turística no município de Areia Branca/RN diante da atual conjuntura local.

O presente trabalho fundamentou-se em pesquisa bibliográfica, documental, através da análise do Plano de Ação Turística de Areia Branca/RN - PAT (2006-2010) - e em pesquisa de campo censitária do tipo quantitativa, na qual se utilizou a estatística descritiva na análise dos dados. Essa pesquisa embasou-se na aplicação de 32 questionários (100% dos proprietários) com barraqueiros do litoral areia-branquense, sendo abordada as expectativas acerca da

<sup>1</sup>Doutorando em Ciências Sociais. Mestre em Geografia. Especialista em Demografia. Bacharel em Sociologia. Bacharel em Turismo. Professor do Curso de Turismo da UERN. jeanhenrique@uern.br

<sup>2</sup>Bacharel em Turismo - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. erikamsn@hotmail.com

<sup>3</sup>Plano de Ação Turística de Areia Branca (PAT).

<sup>4</sup>Segundo o Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM - 2007), Areia Branca participa, no Estado, com o percentual de 13,2% da produção do sal marinho e 12,58% da produção de petróleo bruto.

<sup>5</sup>Esta incapacidade baseia-se nos atuais padrões de competitividade.

implantação do turismo na cidade atualmente, associando os possíveis impactos positivos e negativos que essa atividade poderá desencadear na localidade, assim como a participação do poder público municipal nessa implantação. Não se trata de uma análise fenomenológica, nos moldes de uma fenomenologia da percepção. É, pois, um trabalho com base no materialismo histórico-dialético visando compreender as expectativas dos barraqueiros a partir de sua existência material.

### **Turismo e Desenvolvimento Local: uma Discussão Conceitual**

Alguns países, principalmente aqueles em desenvolvimento (ou de capitalismo periférico), analisam o fenômeno turístico como uma alternativa importante para induzir uma melhoria na qualidade de vida de suas populações, por ser considerado uma das principais atividades econômicas e sociais, capaz de gerar emprego e renda, proporcionando desenvolvimento principalmente em regiões dotadas de atrativos exóticos e com recursos financeiros escassos. Essa análise também se insere em espaços mais restritos como municípios que procuram alternativas para melhorar o quadro da "vida real" de seus habitantes. Segundo Rodrigues (1999), o turismo é tido como estratégia de desenvolvimento local justamente em micro-regiões, pequenos territórios e cidades pequenas e médias, onde são fortemente sentidas as mediocridades de condições de vida, manifestadas no êxodo e na pobreza. Nessas regiões a atividade turística é vista com o propósito de corrigir os desníveis de desenvolvimento, na expectativa de que ela possa oferecer um aumento no número de postos de trabalho e na renda familiar, conseqüentemente refletindo na melhoria da qualidade de vida dos residentes.

Rodrigues (1999) ainda ressalta que os gestores do turismo, muitas vezes movidos pelo fascínio dos números da atividade, e sem considerar o seu lado obscuro, tratam o turismo como a "*salvação da lavoura*", o remédio para todos os problemas sociais e econômicos. Para a autora, o que os gestores desconhecem é que tipo de turismo deve ser desenvolvido para que este proporcione desenvolvimento no sentido "puro" da palavra e como essa atividade deve ser gerida para que ela seja uma forte ferramenta para o desenvolvimento.

Mas o que se entende, de fato, sobre o termo desenvolvimento? Segundo Souza (2002, p. 18) "*desenvolvimento não deve ser entendido (...) como sinônimo de desenvolvimento econômico<sup>4</sup>, embora, muitos, e não só economistas, continuem a reduzir aquele a este*". O chamado desenvolvimento econômico se dá através do crescimento econômico de uma localidade, aliado à modernização tecnológica, e isso nem sempre ocorre em conformidade com a melhoria no quadro de concentração de renda ou dos indicadores sociais. Antigamente, os estudantes de economia tentavam convencer os países atrasados que desenvolvimento seria um processo contínuo e inerente à produção capitalista. Para Arbix e Zilbovicius (2001), essa visão sempre acabava provocando distorções e ineficiências no Estado, visto que a promoção do crescimento econômico não mostrava nenhuma interferência direta na melhoria da qualidade de vida das populações. Olhando pelo lado do ser humano na busca do desenvolvimento propriamente dito, reconhece-se que a melhoria no atendimento a saúde, a educação e a seguridade social "*ajuda-nos a viver com mais liberdade e prazer, mesmo quando não sabemos se a expansão desses serviços resultou no aumento do PIB ou da produtividade do trabalho*".

<sup>4</sup>Mensurável por meio do crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB) ou do Produto Interno Bruto (PIB).

Portanto, deve-se levar em conta o impacto direto que a atividade pública produz nas áreas da saúde, educação e outras, assim como o seu papel na formação e no uso do capital humano, no aumento da produtividade e na real expansão da produção. A busca do bem-estar social é meta fundamental, única capaz de dar pleno sentido às estratégias de desenvolvimento, "o que inclui boa saúde, educação, meio ambiente e desenvolvimento social, assim como toda atividade que possa contribuir para a melhoria da qualidade da renda e da vida" (Arbix; Zilbovicius, 2001, p. 64). Os programas sociais, dentre eles as políticas de turismo, devem ser avaliados como um meio para toda e qualquer estratégia de desenvolvimento, pois eles possibilitam a ampliação da capacitação e do bem-estar das pessoas, e indiretamente impulsionam o aumento da produtividade do trabalho e da renda.

Nessa linha de raciocínio, Rodrigues (1999) ainda observa numa perspectiva geográfica que o desenvolvimento não deve ser visto somente sob a ótica econômica, mas sim numa concepção de desenvolvimento socioespacial, onde o mesmo deve atender as necessidades para a superação de problemas e conquista de condições que propiciem uma maior felicidade individual e coletiva nos diferentes aspectos, sejam eles culturais, econômicos ou políticos, bem como o espaço natural e social. A transformação tecnológica sem precedentes e o crescimento econômico encontram-se em lado oposto à dramática condição social de várias pessoas, e a partir daí conclui-se que o crescimento, em si, não traz, automaticamente, o desenvolvimento ou a felicidade. Na melhor das hipóteses ele tem fraca influência positiva sobre a condição das pessoas situadas na base da pirâmide social quando suas taxas são muito altas.

Por outro lado, o fato de que o desenvolvimento não depende apenas de crescimento econômico, não deve ser entendido em termos de uma oposição entre crescimento e desenvolvimento. Nas palavras de Sachs (2001, p. 158): "o crescimento econômico, se repensado de forma adequada, de modo a minimizar os impactos ambientais negativos e colocado a serviço de objetivos socialmente desejáveis, continua sendo uma condição necessária para o desenvolvimento".

Dowbor (2001, p. 205 - 6) analisa que, gradativamente, as pessoas compreendem que a área social, além de ser um fator indispensável para o desenvolvimento, tornou-se essencial para as próprias atividades econômicas, e que a visão filantrópica de generosidade assistencial, de caridade, que serviam como tranquilizadores para as consciências capitalistas, foram ficando para trás. As empresas começaram a entender que não se trata de um simples "embelezador" social, mas das condições indispensáveis para a produtividade empresarial. Isso não quer dizer que "devemos melhorar a educação porque as empresas irão funcionar melhor: a educação, o lazer, a saúde constituem os objetivos últimos da sociedade, e não um mero instrumento de desenvolvimento empresarial". O autor entende que a existência do crescimento econômico, em qualquer setor produtivo, não é suficiente para fomentar o bem-estar social. E complementa afirmando que:

Nem a área produtiva, nem as redes de infra-estrutura, nem os serviços de intermediação funcionarão de maneira adequada se não houver investimento no ser humano, na sua formação, na sua saúde, na sua cultura, no seu lazer, na sua informação. (Dowbor, 2001, p. 197).

Entre as diversas abordagens sobre desenvolvimento econômico, alguns autores apontam o turismo como uma importante ferramenta para o fomento desse processo. Dados os diversos setores de atividades econômicas que a atividade turística produz, percebe-se que parte substancial das pesquisas sobre turismo analisa exclusivamente os benefícios econômicos<sup>5</sup>, deixando de se importar com os impactos que essa atividade poderá gerar ao meio ambiente e a sociedade. Portanto, observa-se que a cultura local muitas vezes é desrespeitada quando se trata da implantação de empreendimentos turísticos, e isso se nota na apropriação de terras para a criação de parques e outras unidades de conservação, pois "*a escolha de locais para a instalação de grandes complexos hoteleiros está freqüentemente associada a riscos e injustiças sociais*" (EMBRATUR/IEB<sup>6</sup>, 2001 *apud* Mendonça; Irving, 2004).

Prosseguindo, Cazes (1999) compreende que a implantação desordenada da atividade turística, numa localidade desprovida de infra-estrutura básica para a sua população, poderá distorcer a real intenção de seu desenvolvimento, pois, segundo o autor, as condições de estabelecimento do turismo num país, região ou localidade, não propiciam o seu desenvolvimento, mas exatamente o desenvolvimento deste que torna a atividade turística rentável e possível. Sobre esse assunto, Araújo (1998) reconhece que:

Num propósito de desenvolvimento do turismo, é preciso levar em conta, os ganhos culturais auferidos pela população envolvida, os níveis de analfabetismo e o grau de instrução, os danos por ventura ocorridos ao ecossistema de uma forma geral, e os ganhos de infra-estrutura generalizados, visto que para sua concretização enquanto atividade econômica, o turismo, carece de investimentos de base que muitas vezes, acabam por

e elevar a carga tributária da população autóctone, sem que esta seja beneficiada por esses ganhos, e nem mesmo consultada sobre a aplicação dos recursos por ela propiciados na forma de impostos. (Araújo, 1998, p. 367).

Nessa ótica de Araújo (1998), muitos governantes deixam de investir em saúde, educação, infra-estrutura e outras necessidades básicas da população para tentar implantar uma atividade que ao invés de melhorar a sua qualidade de vida poderá produzir efeitos contrários.

Se por um lado o turismo traz investimentos e imprime novo fôlego à economia das localidades envolvidas, por outro pode promover uma pressão inflacionária. Isso acontece porque os turistas sempre podem gastar mais que os residentes, "(...) seja porque dispõem de um poder aquisitivo maior, seja porque poupam para as viagens e sentem maior inclinação para isso, por estarem gozando situação de férias" (Lage; Milone, 2000 *apud* Oliveira, 2005).

Alguns autores argumentam também sobre a possibilidade do turismo promover a integração entre os povos, pois a troca de cultura e conhecimentos diversos entre o visitante e o receptivo é visto como fator positivo nessa atividade. Todavia, em muitos casos, percebe-se que o turista se isola de locais medíocres e sujos das periferias contidas nas cidades visitadas por eles, vivenciando apenas aqueles que foram "maquiados" para recebê-los; e são justamente desses locais turísticos que o residente se afasta para fugir dos altos preços de produtos e serviços ofertados.

O processo de adequação do espaço ao consumo turístico faz com que muitas das características originais se percam, caracterizando desta forma o processo de aculturação que corrompe os valores tradicionais de uma comunidade. Lage e Milone (2001) comentam sobre o duplo efeito

<sup>5</sup>Estas pesquisas sempre acabam considerando o turismo, exclusivamente, como produto economicamente rentável.

<sup>6</sup>Programa Pólos de Ecoturismo do Brasil criado pela EMBRATUR e pelo Instituto de Ecoturismo do Brasil - IEB.

cultural que essa atividade pode ocasionar numa população. Na avaliação deles:

[O] valor econômico pode ajudar a preservar a cultura, beneficiando tanto os turistas como os receptores. Por exemplo, prédios religiosos, locais arquitetônicos, danças tribais são valorizadas por ambos os grupos. Por outro lado, a cultura pode ser distorcida pelo turismo quando o mesmo *charme* cultural é substituído por imitações, sejam cópias de artesanatos ou de músicas tradicionais. (Lage; Milone, 2001, p. 166).

O turismo foi incorporado às políticas econômicas de uma forma rápida, sendo visto como uma saída para solucionar o "déficit" da balança de pagamentos. Dessa forma, muitas visões acreditam que isso tem causado efeitos negativos em localidades carentes, pois se *"vê a cada dia os impactos que o 'turismo econômico' pode trazer aos ambientes naturais preservados e às comunidades receptoras despreparadas para o turismo"* (Coriolano, 1998, p. 115). Coriolano reconhece também que no Brasil as pessoas pensam no desenvolvimento como um processo que deveria seguir as etapas dos países desenvolvidos, obtendo desta forma, uma dependência que ocasiona repercussões no modelo de turismo que prioriza o visitante e esquece do residente. Na visão da autora "a lógica correta seria: o lugar só pode ser bom para os turistas, se for bom também para seus habitantes. Nada precisa ser feito direcionado para o turista, mas para o residente" (Coriolano, 1998, p. 116). A autora complementa que o turismo, além de provocar uma possível destruição da natureza, poderá manter a maioria da população na miséria, o que virá a comprometer essa atividade, já que o turista procura natureza protegida, e não degradada. Além disso, um desenvolvimento turístico desordenado poderá ocasionar danos ao patrimônio histórico-cultural e conseqüentemente provocar mudanças culturais regionais, desabastecimento e

aumento dos preços de determinados produtos e serviços à população local, além de estimular a prostituição e a criminalidade. Outro argumento colocado pela autora é a existência da possibilidade de ocorrer o êxodo populacional, na medida em que se acentua a especulação imobiliária através de um contínuo processo de valorização das terras, fazendo com que os nativos abandonem suas antigas ocupações e busquem as regiões periféricas, geralmente mais pobres, que circundam essas aglomerações turísticas.

Com relação aos possíveis benefícios, Barbosa (2004, p. 113) considera a atividade turística como "excelente alternativa para o desenvolvimento local e/ou regional de maneira a preservar a identidade local, conservar os patrimônios (natural e cultural) e dinamizar a economia das cidades". A autora ainda destaca os benefícios oriundos do efeito multiplicador que o turismo produz através da sucessão de despesas que têm origem no gasto do turista, beneficiando outros setores ligados indiretamente a esse fenômeno. Por exemplo, cidades não turísticas se beneficiam através do fornecimento de bens que serão consumidos pelos turistas de outra localidade, tais como: produtos artesanais, industriais, agrícolas, alimentícios, mão-de-obra etc. Outro fator positivo, segundo ela, é o incentivo que a atividade proporciona à manutenção e preservação de locais históricos, artísticos, culturais e ambientais, assim como a melhoria na infraestrutura local como: rodovias, sistema de água e esgoto, telecomunicações, transporte e outros, em prol da satisfação do visitante.

Deve-se destacar também a capacidade que o turismo tem de criar cenários para atrair investimentos privados a uma localidade, gerando um aumento na oferta de postos de trabalho através da criação de empregos diretos e indiretos para a população residente e, conseqüentemente,

a ampliação dos circuitos de renda, assim como o desenvolvimento, por parte dos moradores, do sentimento de orgulho dos recursos naturais da sua região e das características culturais da sua comunidade.

A melhoria da qualidade de vida da população local através da elevação do número de emprego e renda e, conseqüentemente, da transformação do seu estilo de vida têm sido um dos impactos mais descritos pelos pesquisadores, visto que os turistas são pessoas que, ao visitar uma localidade, desencadeiam os diversos mecanismos de prestação de serviços que envolvem o turismo. Em relação aos impactos que essa atividade provoca numa localidade, Cazes (1999) comenta que:

Há dois aspectos a serem considerados no fenômeno em questão: alguns considerarão o interesse - econômico, social, demográfico, mesmo estético - da transformação operada. Outros verão somente os efeitos negativos do número: os atravancamentos, a poluição, a concretificação do lugar etc., em suma, numa única palavra, a saturação do sítio, do espaço. (Cazes, 1999, p. 66).

Investigar a interação entre os turistas e a população local e os diferentes impactos que esta atividade desenvolve numa determinada localidade, é fundamental para compreender a alteração nos estilos de vida e costumes locais das comunidades anfitriãs. Segundo Petrocchi (1998, p. 61), "o turismo depende da população, em todos os aspectos, para a imprescindível hospitalidade e os investimentos necessários". No entanto, esse autor ressalta que ele só poderá se transformar numa atividade econômica poderosa se houver "uma mudança cultural: a população enxergar e exigir providências concretas e corretas em prol do turismo".

Esse "potencial", nova visão em busca de um turismo sustentável (ou menos

insustentável), é o objeto central da análise deste artigo, visando conhecer as expectativas dos barraqueiros acerca do alargamento (ampliação) da atividade no município de Areia Branca. Busca, assim, investigar o nível de conhecimento desta população em estudo sobre a atividade turística e seus efeitos diretos e indiretos no território.

### **O Turismo na Cidade de Areia Branca/RN: qual Turismo?**

No âmbito nacional, a criação do Ministério do Turismo (MTur) na primeira fase do Governo Lula possibilitou, segundo o próprio MTur (2003), o surgimento de novas políticas para desenvolver o turismo nas regiões interioranas, e dentre essas destaca-se o Programa de Regionalização do Turismo (PRT). Considerado como uma evolução do Programa Nacional de Municipalização do Turismo, criado na gestão do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, o PRT visa transformar a ação centrada na unidade municipal em uma política pública voltada para resultados regionais, através de planejamentos que buscam preparar os municípios integrantes de cada região para, conjuntamente, coordenarem seus esforços e tornarem-se mais competitivos, garantindo melhores resultados nas suas ações para o desenvolvimento turístico local e regional (MTur, 2003).

O Rio Grande do Norte tem como exemplo dessa filosofia de regionalização, dentre outros, o "Pólo Costa Branca", ideia recentemente elaborada que busca implantar o turismo local em prol da melhoria do quadro socioeconômico existente objetivando desenvolver o turismo na região Litoral da Costa Branca - localizada no extremo litoral do RN, na zona oeste do estado - através de obras e ações que possam dotar os municípios inseridos de infraestrutura necessária à atração de novos

empreendimentos para o setor. Esse projeto (Pólo Costa Branca) reúne 17 municípios noroeste-riograndenses<sup>7</sup>, possuindo atrativos ainda inexplorados pelo setor turístico justamente por falta de infra-estrutura e promoção. Entre as atrações difundidas na região estão os 42 quilômetros de orla de Areia Branca, o segundo maior cajueiro do mundo em Grossos, as "pirâmides" de salinas de Macau e as pedras rupestres de São Rafael, além de serras que cortam toda a região.

Areia Branca, cidade com população estimada em 24.398 habitantes, segundo o censo demográfico de 2007 (contagem populacional), localizada a 327 km da capital do Rio Grande do Norte (Natal) é privilegiada por uma vasta área litorânea composta por atrativos naturais praticamente inexplorados pela atividade turística (praias, dunas e falésias), num cenário onde se observa o encontro do sertão com o mar através da presença de mandacarus<sup>8</sup>. Possui como fonte de exploração econômica o sal, o petróleo, a pesca e o terminal portuário, de onde são extraídas as bases da economia local. Rodovias federais e estaduais interligam a cidade a diversos municípios potiguares e cearenses.

Por ser dotada de riquezas naturais como praias, dunas e falésias, Areia Branca é considerada por muitos uma cidade "potencialmente" turística, o que poderá contribuir para um futuro incremento da atividade no território. Apesar de pequena e "rica" naturalmente, o município vive hoje um contraste social bastante alarmante por possuir sua renda distribuída de forma assimétrica, sendo esta centrada numa minoria populacional. Isso proporciona à

cidade um alto índice de pobreza, pois quase metade da população é de baixa renda<sup>9</sup>, o que ocasiona uma considerável disparidade entre ricos e pobres. Além disso, o município é carente em infra-estrutura, possuindo um precário serviço médico-hospitalar<sup>10</sup>, assim como escolas mal estruturadas e falta de transportes para a população se deslocar até o interior, local onde se encontra a maior parte de sua riqueza natural.

Por possuir todos os atrativos naturais já mencionados (praias, dunas e falésias), Areia Branca/RN tem sido alvo de projetos que visam transformá-la em "cidade turística" com o objetivo de atrair emprego e renda para a população e, conseqüentemente, melhoria na qualidade de vida desta. Esses projetos, em sua maioria, encontram-se inseridos no Plano de Ação Turística da cidade (PAT), programa elaborado pelo consultor Milton Guedes, que contempla vários projetos destinados ao desenvolvimento turístico do município com uma visão anunciada para a "sustentabilidade".

Segundo esse Plano, existem atualmente 102 empreendimentos<sup>11</sup> destinados ao setor turístico, incluindo meios de hospedagem, restaurantes, pizzarias, barracas de praia etc. Em relação ao número de empregos existentes neste mesmo setor nos períodos de alta temporada, o PAT apresenta uma estimativa de 328 pessoas trabalhando, onde destas, 101 possuem trabalhos temporários em virtude do aumento na demanda ocasionado nesse período, como define o quadro 01 abaixo:

QUADRO 01 - Número de trabalhadores na atividade turística local

EMPREGOS GERADOS NA ALTA TEMPORADA	QUANTIDADE
Pessoas Trabalhando	328
Trabalho Fixo	227
Trabalho Provisório	101
Pessoas do Município	233
Carteiras Assinadas	62
Média de Horas Trabalhadas / dia	10

Fonte: GUEDES (2006): Plano de Ação Turística de Areia Branca (PAT, 2006-2010).

<sup>7</sup>Os municípios que compõem o Pólo Costa Branca são: Caiçara do Norte, São Bento do Norte, Galinhos, São Rafael, Carnaubais, Assu, Tibau, Grossos, Itajá, Areia Branca, Mossoró, Porto do Mangue, Serra do Mel, Macau, Guamaré, Pendências e Apodi.

<sup>8</sup>Esta planta típica da Caatinga, possui água no caule e nos espinhos e pode resistir a períodos de forte estiagem no Sertão.

<sup>9</sup>Segundo o IBGE (2003), 45,03% da população areia-branquense vivem em condições de pobreza, entre os quais, 19,14% são considerados indigentes.

<sup>10</sup>O sistema de saúde no município não atende as necessidades da população atualmente, pois o número de leitos é insuficiente e o atendimento é feito preferencialmente em Mossoró, cidade vizinha.

<sup>11</sup>Não cabe a essa análise qualificar "turísticamente" a competitividade global desses empreendimentos, embora a análise de Souza (2007) já aponte séria deficiência em parte significativa desses equipamentos de lazer no município, deficiências não somente em termos turísticos, mas substancialmente para o próprio uso dos residentes. In: SOUZA, Lázaro Queiroz de. *Lazer e espaço: uma análise acerca dos equipamentos específicos de lazer na cidade de Areia Branca/RN*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, RN, 2007.

Diante do ligeiramente esboçado, antecipa-se preliminarmente a precariedade dos equipamentos turísticos existentes na cidade, visto que o município, atualmente, não poderia atender um possível aumento da demanda turística (sobretudo para o usufruto das barracas de praia), assunto mais bem especificado na seção posterior. Percebe-se também a instabilidade dos trabalhos oferecidos neste setor à população local, pois a maioria dessa mão-de-obra trabalha além da carga horária prevista<sup>12</sup> e não possui carteira assinada, auferindo remuneração nos limites de um salário mínimo<sup>13</sup>. A falta de qualificação profissional no setor (em termos de competitividade moderna) é outra deficiência observada no município, assim como a escassez de infra-estrutura da maioria dos empreendimentos "turísticos" existentes; assunto também melhor discutido na divisão seguinte através dos resultados da pesquisa de campo.

### Um Possível Desenvolvimento Turístico Local: Visão e Expectativa dos Barraqueiros

#### *Procedimentos metodológicos*

O trabalho científico consiste na utilização de teorias e métodos de pesquisa, ambos interdependentes que, segundo Vergara (2005, p. 9), "buscam realizar o objetivo da pesquisa, seja ele descrever, explicar, descobrir, compreender ou prever determinado fenômeno". Assim, no que tange a tipologia da presente pesquisa, é necessário dizer que se trata de um estudo censitário do tipo quantitativo, em que se

utilizou a estatística descritiva na análise dos dados, além da pesquisa bibliográfica e documental (através do Plano de Ação Turística - PAT - de Areia Branca, versão 2006-2010, elaborado por Milton Guedes no ano de 2006). A pesquisa de campo, realizada nos dias 28 de junho de 2008 e 20 de julho do mesmo ano<sup>14</sup>, fundamentou-se na aplicação de 32 questionários<sup>15</sup> com barraqueiros que possuem seus empreendimentos localizados nas praias de Upanema, Baixa Grande, Ponta do Mel, Praia de São Cristóvão e Morro Pintado, todas situadas na cidade de Areia Branca/RN. Nas questões da pesquisa são abordadas variáveis concernentes às opiniões do entrevistado sobre a implantação da atividade turística em Areia Branca no momento atual.

### Barraqueiros e Expectativas Turísticas no Litoral Areia-Branquense

#### *Caracterização da população do estudo*

Neste subitem far-se-á uma breve discussão acerca do perfil dos barraqueiros da cidade de Areia Branca/RN, pelo meio da distribuição percentual dos empreendedores captados pelo questionário.

Analisando a variável sexo, os dados da pesquisa apresentam o predomínio de homens na configuração dos empreendedores potencialmente "turísticos" no litoral areia-branquense, isso em mais de 50% dos entrevistados, como divulga a tabela a seguir:

Tabela 01 - Distribuição dos proprietários de barracas conforme o sexo

Sexo	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa (%)
Masculino	20	62,50
Feminino	12	37,50
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora, 2008.

<sup>12</sup>Segundo a Consolidação das Leis Trabalhistas (CLT) "a duração normal do trabalho, para os empregados em qualquer atividade privada, não excederá de 8 (oito) horas diárias [excetuando os casos especiais], desde que não seja fixado expressamente outro limite". De acordo com esta Lei, a duração normal do trabalho poderá ser acrescida de, no máximo, duas horas diárias, mediante acordo escrito entre empregador e empregado, ou mediante contrato coletivo de trabalho.  
<sup>13</sup>Conforme já observado em: NASCIMENTO, Gabriela Andrade do. **A ocupação profissional nas empresas hoteleiras do município de Areia Branca/RN: refúgio ou opção laboral?** 2008. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, RN, 2008.  
<sup>14</sup>É importante ressaltar que as pesquisas foram realizadas nos finais de semana porque a maioria das Barracas só funciona aos sábados e domingos, e algumas delas apenas aos domingos.  
<sup>15</sup>Este número representa a totalidade das barracas do litoral areia-branquense. Por isso, o estudo é censitário.

Outro aspecto observado foi o perfil escolar dos entrevistados, dado que constatou a precariedade no grau de instrução formal dos barraqueiros. A pesquisa verificou que mais da metade (62,51%) dos empreendedores possuem o Ensino Fundamental incompleto, e apenas 18,75% completaram o Ensino Médio. A tabela 02 expressa tal realidade:

sendo esta trazida da casa dos barraqueiros dentro de baldes - cuja higiene é um fato contestável. É interessante ressaltar que as barracas dessa localidade<sup>17</sup> são implantadas na areia de forma improvisada, sendo a maioria estruturada de forma limitada, através da utilização de barro, palhas e troncos de coqueiros. A fotografia 01 exemplifica o tipo de empreendimento

Tabela 02 - Nível de instrução dos barraqueiros do litoral areia-branquense

Escolaridade	Frequência Absoluta	Frequência Relativa (%)
Analfabeto	03	9,38
Fundamental Incompleto	17	53,13
Fundamental Completo	03	9,38
Ensino Médio Incompleto	02	6,25
Ensino Médio Completo	06	18,75
Superior	01	3,13
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100,00</b>

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora, 2008.

No que tange à situação física das barracas, observou-se uma expressiva precariedade na infra-estrutura<sup>16</sup>. A maioria dos barraqueiros reclamou da falta de investimento e interesse por parte do poder público no local. Na Praia de Ponta do Mel, por exemplo, os estabelecimentos não dispõem sequer de água encanada para lavar os utensílios utilizados pelos clientes,

existente no litoral areia-branquense, mais especificamente na Praia de Ponta do Mel.

Nas outras localidades visitadas (praias de Upanema, Baixa Grande, São Cristóvão e Morro Pintado) a realidade não é diferente, pois apresentam a mesma precariedade material na estrutura de seus empreendimentos. Observou-se que, assim como as barracas de Ponta do Mel, essas

Fotografia 01 - Barracas da Praia de Ponta do Mel - Areia Branca/RN



Foto: Erika Barboza de Souza, 2008.

<sup>16</sup>Tal realidade local, supostamente, não difere substancialmente dos demais municípios litorâneos potiguares.

<sup>17</sup>Observou-se, durante a pesquisa, que a Praia de Ponta do Mel é a que possui o maior número de barraqueiros à beira-mar, sendo esta considerada a maior receptora de turistas da localidade (não há dados comparativos disponíveis).

também utilizam palhas em sua estrutura. Essa "padronização"<sup>18</sup> se deve, hipoteticamente, além da insuficiência financeira, à abundância de coqueiros na região e a intenção dos empreendedores de deixar suas barracas com aspecto rústico. A fotografia 02 ilustra o observado:

nacional, regional e estadual, o cenário de empolgação com a atividade não é diferente. Conforme se observa na tabela 03 a seguir, percebe-se certo grau de informação por parte dos barraqueiros acerca dos supostos benefícios da atividade turística em nível municipal.

Fotografia 02 - Praias de Upanema e Baixa Grande, respectivamente - Areia Branca/RN.



Foto: Erika Barboza de Souza, 2008.

Em síntese, percebe-se que a maioria das barracas de praia do litoral areia-branquense não está preparada para atender satisfatoriamente um possível aumento na demanda turística, já que não possuem infraestrutura adequada. A qualidade do serviço é outro elemento substancialmente questionável. Assim, observa-se que Areia Branca ainda se encontra na *Era Fordista do Turismo*<sup>19</sup>, caracterizada, segundo Fayos-Solá (1997), pela motivação básica de consumidores com demanda homogênea e baixas expectativas, sem maiores exigências na qualidade da oferta turística. Isso provavelmente explica o atual funcionamento desses empreendimentos, já que não possuem demanda exigente quanto à qualidade de seus serviços.

A tabela 3 elucida o total de respostas durante as entrevistas<sup>20</sup>, dentre as quais 42,5% enfatizaram a geração de emprego e renda como fator primordial para o desenvolvimento da atividade. Tal percentual já era racionalmente esperado, uma vez que esses têm sido os impactos mais descritos pelos pesquisadores, fato mencionado na seção 1. Também foi observada a variável atração de investimentos (15%), aumento das vendas do comércio local (10%) e o vago termo "desenvolvimento" com 10% das respostas. Esse cenário esclarece que, mesmo em uma realidade turisticamente deprimida, a atividade vem sendo encarada pela população já envolvida (no caso os barraqueiros) como um possível fator de desenvolvimento. No entanto, percebe-se certa carência de reflexividade (cálculo entre meios e fins) por parte da população residente sobre o binômio turismo e desenvolvimento local, uma vez que são realçados nos dados, via de regra, aspectos ligados ao termo crescimento econômico. Para Rodrigues (1999), o termo

### Uma análise acerca das expectativas dos proprietários de barracas de praia no litoral areia-branquense

Segundo o exposto nas seções anteriores, observa-se grande entusiasmo em relação à atividade turística. Em Areia Branca, em consonância com parte da realidade

<sup>18</sup>Segundo informações de alguns barraqueiros captados pela pesquisa, existem projetos do Poder Público Municipal referentes à padronização das barracas.

<sup>19</sup>Fayos-Solá divide a atividade turística em duas etapas: Turismo Fordiano (fordista) e Nova Era do Turismo (NET). Para o autor, a era fordista, ocorrida nas décadas de 30 e 40 (nos países desenvolvidos), caracteriza-se pela presença da demanda homogênea, com turistas sem experiência prévia e motivações muito básicas, sem exigências com relação à qualidade da oferta turística. Ele ressalta que, nessa época, "se produciam pacotes rígidos, com importantes economias de escala, ofertados a turistas com expectativas baixas y escasamente diferenciadas: era así relativamente fácil lograr la satisfacción del consumidor a costes reducidos" (Fayos-Solá, 1997, p. 60). Os avanços tecnológicos no transporte e na comunicação, o aumento das rendas disponíveis, o aparecimento das férias remuneradas e a predisposição social para viajar possibilitaram a realização de mais viagens e, conseqüentemente, o surgimento de novos consumidores: mais experientes e mais exigentes na qualidade da oferta turística. A demanda torna-se heterogênea e complexa, e as empresas mais competitivas, caracterizando assim a Nova Era do Turismo (NET).

<sup>20</sup>Das 32 pessoas entrevistadas, surgiu um total de 40 respostas diferentes em relação aos aspectos positivos do turismo a nível municipal, no caso, em Areia Branca.

desenvolvimento é algo diferente de crescimento e distribuição de riqueza, pois esse não deve ser visto somente sob a ótica econômica, mas também sob os aspectos culturais, econômicos ou políticos, bem como o espaço natural e social. Como hipótese empírica preliminar, trata-se de mais uma ideologia desenvolvimentista tão propagada nas comunidades mais tradicionais.

Para robustecer esta análise, a tabela 04 mostra que 56,24% dos entrevistados acreditam no sucesso da implantação da atividade turística no momento atual.

Esse resultado revela que mais da metade dos empreendedores litorâneos da cidade supostamente não racionalizaram<sup>21</sup> as conseqüências que podem surgir com a implantação da atividade turística diante

Tabela 03 - Expectativas positivas sobre a atividade turística

Variáveis	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa (%)
Geração de emprego e renda	17	42,5
Melhorias na infra-estrutura local	03	7,5
Atração de investimentos	06	15
Aquisição de novos conhecimentos via contato com os turistas	02	05
Aumento nas vendas do comércio local	04	10
Desenvolvimento	04	10
Não soube responder e/ou resposta confusa	04	10
<b>Total</b>	<b>40</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora, 2008.

Ao tratar acerca da ideologia, não se pretende afirmar que as expectativas dos barraqueiros sobre o assunto são erradas ou inventivas. A ideologia, tomada na clássica abordagem marxista, na relação entre as formas invertidas de consciência e a existência material dos homens, não é meramente uma relação entre o erro e a verdade. É, segundo Bottomore (2001), uma inversão que obscurece o verdadeiro sentido das coisas. Uma inversão que vai além de uma simples ilusão. Trata da "distorção do pensamento que nasce das contradições sociais e as oculta".

da realidade em que o município se encontra, uma vez que Cazes (1999) analisa que a implantação desordenada dessa atividade numa localidade desprovida de infra-estrutura básica (fato incontestável em Areia Branca) para a sua população poderá distorcer a real intenção de seu desenvolvimento; logo, poderá gerar resultados opostos ao invés de trazer melhorias na qualidade de vida da população autóctone.

Problematizar se determinados atores sociais são ou não reflexivos em relação as suas elaborações discursivas passa, antes de tudo, pela consideração de que não somos

Tabela 04 - Expectativas acerca do sucesso da implantação do turismo em Areia Branca/RN no momento atual

Respostas	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa (%)
Sim	18	56,24
Não	13	40,63
Não Soube Responder	01	3,13
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora, 2008.

<sup>21</sup>Pelo baixo grau de educação da população em estudo e pelo entusiasmo atual em relação à atividade turística no Rio Grande do Norte.

plenamente reflexivos na integridade do cotidiano, tampouco irrefletidos a tal ponto de produzirmos apenas esquemas de apreensão da realidade sem nenhum nexo de sabedoria. É preciso ver que, embora seja algo heterogêneo no tempo e no espaço, há uma forma de consciência mais prática e outra mais reflexiva (conceitos do sociólogo inglês Anthony Giddens). E, empiricamente, essas consciências se manifestam variavelmente.

De acordo com Domingues (2001), Giddens, subdividindo a consciência em 'prática' e 'discursiva', (...) enfatiza que os atores são sempre hábeis na vida social, sem que com isso implique, necessariamente, um conhecimento mais conceitual e, portanto, articulável discursivamente das regras que regem seus processos interativos, embora muitas vezes lhes seja possível traduzir suas ações em explicações bem articuladas (...). Assim, a consciência prática permite-nos seguir regras e mudá-las sem que nos questionemos sobre seu significado e características (Domingues, 2001, p. 64).

Segundo o próprio Giddens, Muitos dos elementos da habilidade de ser capaz de 'seguir em frente' são levados ao nível da consciência prática, incorporada a continuidade das atividades cotidianas. Ela é parte integrante do monitoramento reflexivo da ação, embora seja 'não-consciente', ao invés de inconsciente. A maioria das formas da consciência prática não poderia ser 'tida em mente' no decorrer das atividades sociais, pois suas qualidades tácitas ou supostas

constituem a condição essencial que permite que os atores se concentrem nas tarefas pela frente. (Giddens, 2002, p. 39).

Há também, nessa condição do viver, uma consciência discursiva, ou seja, aquela que permite o questionamento de tais ações práticas e que resulta em discursos elaborados com maior reflexividade em suas formulações. "A consciência discursiva cumpre papel crucial também, mas não exclusivo, sendo ainda mais reflexiva e capaz de proporcionar a racionalização da ação por parte dos atores, possibilitando explicações e *projetos definidos*" (Domingues, 2001, p. 65, grifo nosso).

Tal argumentação ganha relevo em comparação à tabela 05 na qual se verifica que 96,88% dos entrevistados informaram que deve ser prioridade do poder público municipal investir na atividade.

Diante do apresentado na tabela 5, compreende-se que a maioria das respostas possivelmente surgiu de forma "pouco racionalizada" e em conformidade com o grau de instrução dos entrevistados, uma vez que Araújo (1998) enfatiza que muitos governantes deixam de investir em saúde, educação, infraestrutura e outras necessidades básicas da população para tentar implantar uma atividade que, segundo ele, para ser desenvolvida, é preciso levar em conta o nível de instrução e analfabetismo da população, assim como os investimentos que deverão surgir para sua implantação, o que poderá elevar a carga tributária da comunidade.

Tabela 05 - Turismo como prioridade do Poder Público Municipal

Respostas	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa (%)
Sim	31	96,88
Não	01	3,12
<b>Total</b>	<b>32</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora, 2008.

Muitos gestores do turismo têm visto na atividade um remédio para curar pretensamente todos os problemas sociais e econômicos de uma localidade, sem considerar o lado obscuro que poderá surgir concomitante ao seu desenvolvimento. Em conseqüência disso, diversos programas estão sendo criados com o objetivo de alavancar essa atividade em localidades consideradas "potencialmente" turísticas por possuírem belezas naturais que poderão servir como atrativos futuros, e Areia Branca não difere dessa realidade, como especificado na segunda seção.

Apesar disso, a singular população em estudo já tem considerado alguns aspectos negativos que poderão surgir juntamente com a vinda de turistas para a localidade (o que já demonstra o "outro lado do espelho", isto é, certa racionalização/reflexividade da vida econômica), como revela a tabela 06 abaixo:

distribuição de renda populacional, apontada como detentora de alto índice de pobreza e uma precária infra-estrutura básica, como já mencionado, poderá desencadear diversos impactos negativos com a implantação do turismo de massas nos moldes convencionais, e um deles seria agravar, especula-se, ainda mais o índice de pobreza da cidade através da elevação inflacionária. No entanto, 63,15% da população entrevistada (conforme a tabela 06) apontaram a possibilidade da vinda simultânea de algum malefício com a atividade turística, não descartando, nesse caso, a presença de certo grau de conhecimento acerca deste assunto (elaboração mais discursiva), ou ainda, uma visão pessimista sobre o turismo.

Segundo os pressupostos observados anteriormente, a pouca racionalização dos barraqueiros sobre o turismo possivelmente é

Tabela 06 - Expectativas negativas sobre a atividade turística

Variáveis	Freqüência Absoluta	Freqüência Relativa (%)
Aumento da violência e da insegurança	14	36,84
Aumento da prostituição	03	7,89
Aumento das drogas	04	10,53
Degradação ambiental	02	5,26
Especulação imobiliária e expulsão dos nativos	01	2,63
Nenhum	10	26,32
Não soube responder e/ou resposta confusa	04	10,53
<b>Total</b>	<b>38</b>	<b>100</b>

Fonte: Pesquisa de Campo da Autora, 2008.

O resultado acima revela o total de respostas apresentadas durante a pesquisa<sup>22</sup>, e dentre estas, 26,32% apontam que a implantação da atividade turística na cidade não provocaria "nenhum" impacto negativo. Esse resultado confirma, mais uma vez, o conhecimento pouco reflexivo de uma parcela significativa da população residente, pois uma cidade como Areia Branca/RN, possuidora de expressiva assimetria na

condicionada/condicionante pela/da inexpressividade atual da atividade turística no local, comprometendo assim a "limitada" qualificação dos empreendedores locais e da estrutura física de seus estabelecimentos. Além disso, o poder público local não investe consideravelmente na educação dos residentes, visto que as escolas são mal estruturadas e se assemelham aos baixos índices de educação do Rio Grande do Norte<sup>23</sup>.

<sup>22</sup>Surgiram, dentre os 32 entrevistados, 38 respostas diferentes.

<sup>23</sup>Conforme pesquisa realizada, em 2007, pelo Instituto Nacional de Estatísticas e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC), o Rio Grande do Norte está entre os piores índices de educação do país. In: Instituto Nacional de Estatísticas e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: <http://www.inep.gov.br/>. Acesso em: 10 set. 2008.

Sintetizando o observado, percebe-se que atualmente, diante da falta de qualificação profissional dos atores sociais e da precariedade da infra-estrutura básica existente, a implantação da atividade turística no município de Areia Branca poderia distorcer a intenção do devir (*vir-a-ser*), pois ao invés de melhorar a qualidade de vida de sua população provocaria, especula-se novamente, alguns efeitos negativos, podendo comprometer a própria experiência turística. Segundo Andrade (2007):

A ansiedade gerada em torno da concretização do Pólo Costa Branca tem gerado (em Areia Branca) alguns impactos decorrentes, por exemplo, da especulação imobiliária, com devastação de dunas e desmatamento em função de ocupações muitas vezes irregulares e inadequadas ao ambiente natural (antes mesmo de uma efetiva implantação massiva do turismo na cidade). (Andrade, 2007).

Assim, o planejamento turístico efetivado pelo poder público municipal, deveria abranger, principalmente, os residentes da localidade, reconhecendo-se a heterogeneidade dessa população. Dessa forma, tornar-se-ia possível a adoção de um modelo de desenvolvimento turístico que não estivesse direcionado apenas ao atendimento dos desejos do turista (visando apenas os aspectos econômicos da atividade). No entanto, a inserção da população se choca freqüentemente com os interesses dos mais privilegiados (política e/ou economicamente) que geralmente se beneficiam majoritariamente com o desenvolvimento turístico. E nesse jogo de poder, perpetua-se a marginalização da população e instigam-se novas desigualdades sociais. Racionalizada ou não a consciência dos entrevistados, uma coisa é certa: permanece ainda o paradoxo global acerca do turismo e seus efeitos nos municípios brasileiros, isto é, enquanto alguns ganham,

outros perdem - lógica inexorável do modo de produção capitalista.

Por isso, deve-se planejar o turismo de maneira que ele realmente traga melhorias no bem-estar da população, de base mais comunitária e cooperativista, através de benesses melhor distribuídas, empregos menos desregulares, e cotidiano social e cultural respeitados.

### Considerações finais

Em Areia Branca/RN, o "entusiasmo" dos empreendedores e dos gestores públicos com relação ao desenvolvimento do turismo não difere bruscamente de outras cidades brasileiras. Por ser dotada de atrativos naturais como praias, dunas e falésias, a cidade vem sendo paulatinamente explorada para fins turísticos através da elaboração de projetos que visam transformá-la em "localidade turística", objetivando discursivamente a melhoria na qualidade de vida de sua população através da geração de emprego e renda.

No entanto, a cidade vive hoje um contraste social bastante alarmante por possuir sua renda centrada numa minoria populacional, o que proporciona um alto índice de pobreza, além de uma precária infra-estrutura básica. Isso levou a refletir sobre a viabilidade atual da implantação do turismo no local, a partir da análise das expectativas dos barraqueiros litorâneos, atores já envolvidos na fase embrionária desse processo.

Diante dos dados apresentados ao longo do escrito, podemos inferir que, em termos de planejamento municipal, o poder público local deveria projetar o turismo de forma eficiente do ponto de vista conjuntural, abarcando principalmente a população autóctone através da inclusão social, considerando-se as diversidades e adversidades existentes e instruindo-a para uma posterior atuação nessa atividade. Isso possibilitaria um turismo favorável tanto aos

turistas quanto aos residentes, sem tencionar apenas os impactos econômicos que ele gera. Dessa forma, as ações deveriam ser mais qualitativas, ultrapassando a mera troca comercial e possibilitando o desenvolvimento de relações que permitam um melhor uso do tempo livre por parte do turista, promovam a qualidade do entorno geográfico, incentivem e contribuam para o entorno social da comunidade receptora e intensifiquem as relações sociais entre os visitantes e os visitados, desenvolvendo uma atividade turística benéfica e conseqüentemente menos insustentável. Todavia, segundo Pinheiro (1981, p. 66), é bom lembrar que "caso trouxéssemos um histórico sobre a atuação do Estado concernente ao planejamento (...) verificaríamos que em todas as oportunidades a acumulação do capital foi privilegiada. Portanto, o que interessa é reiterar, sempre que possível, o caráter anti-social do planejamento na vigência do sistema econômico em que vivemos". Destarte, a probabilidade das disfunções turísticas virem à tona no município de Areia Branca é significativamente acentuada. Resta saber quando e como se darão essas disfunções e qual o papel do residente na produção deste espaço turístico. Pensem também!

### Referências bibliográficas

- ARAÚJO, Paulo S. Oliveira de. **Desenvolvimento do turismo e população local**. In: CORIOLANO, L. N. M. T (Org.). Turismo com ética. Fortaleza: UECE, 1998.
- ARBIX, Glauco; ZILBOVICIUS, Mauro. **Por uma estratégia de civilização**. In: ARBIX, Glauco et. al. (Org.). Razões e ficções do desenvolvimento. São Paulo: UNESP; Edusp, 2001.
- ANDRADE, Marília Nathalia de Araújo. **Turismo e meio ambiente no município de Areia Branca: uma relação contraditória**. Trabalho apresentado no XV ENCOPE da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2008.
- BARBOSA, Fábila Fonseca. **O turismo como um fator de desenvolvimento local e/ou regional, 2004**. (Artigo de mestrado em Geografia). p. 107-114. Disponível em: <[http://www.ig.ufu.br/revista/volume14/artigo10\\_vol14.pdf](http://www.ig.ufu.br/revista/volume14/artigo10_vol14.pdf)>. Acesso em: 30 jan. 2008.
- BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 set. 2008.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Programa de regionalização do turismo: roteiros do Brasil**. Brasília, 2003. Disponível em: <<http://www.turismo.gov.br/regionalizacao>>. Acesso em: 23 jul. 2008.
- CAZES, George. **Turismo e subdesenvolvimento: tendências recentes**. In: RODRIGUES, Adyr A. B. (Org.). Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- CORIOLANO, L. N. M. T. **Lazer e turismo em busca de uma sociedade sustentável**. In: CORIOLANO, L. N. M. T (Org.). Turismo com ética. Fortaleza: UECE, 1998.
- DOMINGUES, José Maurício. **Estruturismo e estruturação: Bourdieu e Giddens**. In: \_\_\_\_\_. **Teorias sociológicas no século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- DOWBOR, Ladislau. **Gestão social e transformação da sociedade**. In: ARBIX, Glauco et. al. (Org.). Razões e ficções do desenvolvimento, São Paulo: UNESP; Edusp, 2001. p. 197-221.
- FAYOS-SOLÁ, E. **Educación y formación en la nueva era del turismo: la visión de la OMT**. In: OMT. El capital humano en la industria turística del siglo XXI. Madrid: OMT, 1997.
- GUEDES, Milton. **Plano de Ação Turística de Areia Branca (2006-2010)**. Areia Branca: 2006.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar Editor: 2002.

- LAGE, B. H. G; MILONE, P. C. **Impactos sociais e culturais do turismo**. In: \_\_\_\_\_. Economia do turismo. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- MENDONÇA, T. C. M; IRVING, M. A. **Turismo de base comunitária: a participação como prática no desenvolvimento de projetos turísticos no Brasil - Prainha do Canto Verde, Beberibe (CE)**. Caderno Virtual de Turismo, v. 4, n. 4, 2004.
- NASCIMENTO, Gabriela Andrade do. **A ocupação profissional nas empresas hoteleiras do município de Areia Branca/RN: refúgio ou opção laboral? 2008**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, RN, 2008.
- OLIVEIRA, Alexandra Campos. **A atividade turística e seus efeitos à população local: um paradoxo**. Caderno Virtual de Turismo, v. 5, n. 2, 2005.
- PETROCCHI, Mário. **Turismo: planejamento e gestão**. 7. ed. São Paulo: Futura, 1998.
- PINHEIRO, Nilde Lago. **Desequilíbrios regionais no Brasil**. In: Cadernos da UnB. Organização regional do Brasil. Brasília: UnB, 1981.
- RODRIGUES, Adyr A. B. **Percalços do planejamento turístico: o PRODETUR - NE**. In: RODRIGUES, Adyr A. B (Org.). Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais, 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. p. 147-162.
- SACHS, Ignacy. **Repensando o crescimento econômico e o progresso social: o âmbito da política**. In: ARBIX, Glauco et. al. (Org.). Razões e ficções do desenvolvimento. São Paulo: UNESP; Edusp, 2001. p. 155-163.
- SOUZA, Marcelo J. Lopes de. **Como pode o turismo contribuir para o desenvolvimento local?** In: RODRIGUES, Adyr Balastrieri (Org.). Turismo e desenvolvimento local. 3. ed., São Paulo: Hucitec, 2002. p. 17-22.
- SOUZA, Lázaro Queiroz de. **Lazer e espaço: uma análise acerca dos equipamentos específicos de lazer na cidade de Areia Branca/RN**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Mossoró, RN, 2007.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Métodos de Pesquisa em Administração**. São Paulo: Atlas, 2005.

**Cronologia do processo editorial:**

Recebimento do artigo:	16-dez-2008
Envio ao parecerista:	27-abr-2009
Recebimento do parecer:	21-mai-2009
Envio para revisão do autor:	21-mai-2009
Recebimento do artigo revisado:	26-jun-2009
Aceite:	23-jul-2009